

QUARENTA E TRÊS ANOS DE MICROCRÉDITO

Valdi de Araújo Dantas

Recife, 2016

QUARENTA E TRÊS ANOS DE MICROCRÉDITO

Valdi de Araújo Dantas¹

"Os serviços financeiros para os pobres ou microfinanças podem representar uma poderosa ferramenta na luta contra a pobreza. O acesso a serviços financeiros como crédito, remessas de valores e seguros pode ajudar os pobres a assumir o controle de suas vidas financeiras. Quando se aplicam boas práticas, esse acesso pode dota-los dos meios para tomar decisões vitais como investir em negócios, manter os filhos na escola, melhorar a assistência médica a seus familiares, cobrir o custo de obrigações sociais chaves como casamento e protege-los de crises como doenças, desastres naturais e óbitos".

Kofi Annan, Secretário Geral das Nações Unidas

Há 43 anos, em terras pernambucanas, nascia a primeira instituição de microcrédito dos tempos modernos – a União Nordestina de Assistência a Pequenas Organizações, que ficou conhecida como o Programa UNO, com sede na rua Gervásio Pires, na cidade do Recife.

A UNO tinha como objetivos demonstrar para as autoridades que se um empreendedor pobre, informal, recebesse um crédito para investir em sua atividade econômica o pagaria adequadamente; que esse crédito, ao longo de um certo período, fortaleceria essa atividade, melhoraria as condições de vida da família e criaria novos postos de trabalho. A UNO demonstrou sobejamente essas premissas, no campo e nas pesquisas e estudos realizados e, desde então, este forte impacto social do microcrédito se reproduziu ao longo dos continentes, se aperfeiçoou e produziu novas metodologias capaz de atender aos mais pobres economicamente ativos em grande escala.

Vejamos um pouco dessa história pioneira:

Em julho de 1972 quando concluí o curso de Mestrado em Economia da Universidade Federal de Pernambuco, fui solicitado pela AITEC (mais *tarde Accion International*), a coordenar uma pesquisa sobre mecanismos de crédito existentes nas áreas de baixa renda da Região Metropolitana do Recife.

O objetivo era investigar a demanda de crédito e assistência técnica por parte dos microempresários (lavanderias, fabriquetas de gelo, picolé, doces, barbearias etc.) localizados nas áreas faveladas do Grande Recife.

¹ Sociólogo, atualmente é Diretor de Desenvolvimento Organizacional da FINSOL SCMEPP.

A pesquisa foi realizada em 4 meses e neste período foram entrevistados 300 empresários, 100 líderes comunitários (presidentes de clubes, donos de escola, párocos e pastores, etc.) e diversas autoridades responsáveis pela administração das áreas estudadas.

Os resultados da investigação comprovaram a inexistência de mecanismos adequados à concessão de crédito e assistência técnica; salientaram a existência de excelentes oportunidades de investimento e de vocações empresariais frustradas pelas dificuldades de acesso ao sistema de crédito institucional.

Diante destes resultados a AITEC resolveu desenvolver, com a ajuda da comunidade pernambucana, um programa experimental com o objetivo de levar até o microempresário o crédito e a assistência técnica de que necessitava.

Foi assim que, em julho de 1973, nasceu a UNO – União Nordestina de Assistência a Pequenas Organizações que passou a operar com o apoio do NAI – Núcleo de Assistência Industrial.

A instituição definiu assim seu objetivo:

O objetivo principal do programa é desenvolver um modelo para demonstrar que o crédito orientado para pequenos empresários, quando combinado com assistência técnica e treinamento, é uma maneira eficaz de melhorar as condições econômicas e sociais de populações de baixa renda nas cidades, e subsequentemente nas comunidades do interior do Nordeste do Brasil. O modelo, uma vez completamente testado, avaliado e documentado, será aplicado numa escala maior por outras organizações.

Os primeiros meses foram muito difíceis para a nova Organização, pois a estrutura empresarial encontrada nas áreas faveladas impunha severos desafios aos técnicos contratados.

Ao final de 1974, porém os primeiros resultados já eram bastante animadores; neste ano foram financiados por intermédio da UNO, 174 projetos, envolvendo recursos da ordem de 2 milhões de cruzeiros².

Desde então, o microcrédito vem provocando transformações econômicas e sociais que se manifestam, não só, no fortalecimento dos negócios e na vida das famílias dos empreendedores. Na verdade, em poucas décadas, o microcrédito resgatou toda uma categoria econômica de gente pobre, invisível até então, colocando-a nas agendas dos governos e das instituições financeiras de cada país. “De repente” o microcrédito passou a integrar o programa de candidatos à Presidência em todos os países da América Latina. Reconhecendo-os como categoria econômica e como cidadãos, pessoas que encontram instituições que neles confiam, integrando-os no circuito da economia moderna, como produtores e consumidores.

² Schreiber, José Gentil – Análise de Custo Benefício do Programa UNO. Recife, 1975.

Isto não é pouco, do ponto de vista da promoção da cidadania e dos avanços econômicos e sociais provocados.

Por que essa ferramenta, o microcrédito, se tornou tão poderosa? Como está desenhada para atender as características e necessidades do pequeno empreendedor? Quais são as boas práticas a que se referiu Kofi Annan?

Isto se deve aos seguintes fatores:

As instituições de microcrédito foram para onde vive e trabalha o empreendedor. A prática social do empreendedor informal, sua realidade de trabalho, seu modo de vida, enfim, não facilita que ele busque crédito em banco. Ele não dispõe de tempo, recursos financeiros e culturais para acessar ao mercado financeiro. Por outro lado, este, não estava feito para ele. O sistema bancário tradicional construiu barreiras legais, de políticas e, até mesmo físicas, para o pequeno empreendedor – ele estava excluído deste universo.

O microcrédito inverteu essa lógica, impensável para as instituições financeiras tradicionais. Com a figura do Agente de Crédito, foi ao local de residência e trabalho do empreendedor, literalmente entrou em sua casa. Fez da promoção “porta a porta” e da divulgação “boca a boca”, os seus mais poderosos instrumentos de marketing. Orientou os seus Agentes:

“Onde tiver uma quitanda entre, quando ouvir o bater de um martelo, o ruído de uma máquina de costura, bata – aí tem uma atividade econômica, sustento de uma família e sujeito de um crédito”.

Encontrou alternativas para a ausência de garantia real por parte do tomador; desenvolveu uma metodologia de análise econômico-financeira de negócios informais, de pequeno porte, sem registros, que “cria”, juntamente com o cliente, a sua Demonstração de Resultados, sua capacidade de pagamento; reduziu ao mínimo a burocracia creditícia e os custos de transação; assegurou uma linha de crédito constante ao cliente acompanhado, com valores crescentes, as necessidades de desenvolvimento do negócio.

Educou o empreendedor informal, na adequada aplicação do crédito. O fato deste vivenciar a obtenção, a administração e a liquidação de diversos créditos, aumenta a sua confiança e a motivação em relação às possibilidades de crescimento da atividade econômica e o grau de informação e de organização do pequeno empreendedor – forma um empresário.

A visão de uma verdadeira **prestação de serviço**, por parte das IMF e dos seus Agente de Crédito junto ao cliente, é outro fator essencial para que se estabeleça uma relação de confiança, fundamental para o real conhecimento do negócio, o acompanhamento do crédito e a produtividade do seu trabalho. Construiu, enfim, **as finanças de proximidade**.

As políticas e metodologias cresceram simultaneamente com o desenvolvimento institucional. Evoluiu de microcrédito para microfinanças oferecendo novos produtos para atender as necessidades dos seus clientes, avançou da fase pioneira e heroica, demonstrativa, para a fase de sustentabilidade e atendimento em larga escala.

Como expressou um dirigente da Accion International:

“Queremos mudar estruturas. Queremos criar uma nova geração de instituições financeiras que pela primeira vez na história moderna pretende, em grande escala, incorporar o pobre à sociedade”.

A história dessas quatro décadas, com a multiplicação de instituições especializadas em microfinanças em todos os continentes, é a comprovação de que esse objetivo está sendo perseguido.